

Escolhas teórico-metodológicas: a perspectiva fenomenológica e dialética no percurso da investigação sociológica do turismo¹.

Theoretical-methodological choices:
the phenomenological and dialectical perspective in the course
of the sociological investigation of tourism.

HÉLIO FERNANDO LOBO NOGUEIRA DA GAMA - heliolobogama@hotmail.com

RESUMO

Realizar um movimento dialético e fenômeno lógico em busca da essência ou sentido das relações sociais que se estabelecem como desenvolvimento do turismo em lugares de identidades singulares no Brasil e em Cuba foi a perspectiva metodológica que desenvolvemos e empreendemos em tese de doutorado. Conceituamos turismo como um fenômeno re social que se dá pelo deslocamento de pessoas a lugares, expressão da era moderna que envolve a oferta de serviços econômicos de hospitalidade, cuja racionalidade impacta socialmente as comunidades hospedeiras. Compartilhamos até se que o turismo merece a atenção pelas suas próprias características, mas também enquanto elemento central de diversas mudanças socioculturais e políticas na sociedade contemporânea. Esse enfoque epistemológico e metodológico se fez necessário no sentido de buscar compreender as dimensões do fenômeno a partir do viés de um pesquisador considerado como sujeito situado na investigação. As interpretações da realidade são marcadas pela intersubjetividade que se estabelece no contato/confronto do observador e dos sujeitos sociais em análise. Este contato é, acima de tudo, humanizado, como quando turistas e comunidades hospedeiras se inter-relacionam, descobrem o outro, a alteridade, seres culturalmente diferentes em contato, em convivência. Trata-se de experiência social que se dá em um determinado lugar. O

¹ Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, *Resumo dos trabalhos ANPTUR, 2017*, Camboriú, SC, Brasil, 14.

objetivo do presente trabalho é compartilhar princípios e pressupostos teóricos dessa perspectiva metodológica desenvolvida e vivenciada em investigações empíricas em Sociologia do Turismo, afirmando a tese de sua legitimidade dada à adequação com a especificidade do objeto de estudos.

Palavras-chave: Turismo, Sociologia, Fenomenologia, Dialética.

ABSTRACT

To accomplish out a dialectical and phenomenological movement seeking the essence or meaning of the social relations that are established with the development of tourism in places of singular identities in Brazil and in Cuba was the methodological perspective that we in a doctoral thesis. We conceptualize tourism as a social phenomenon that occurs through the displacement of people to places. That is an expression of the modern era that involves the offer of economic services of hospitality whose rationality impacts socially the host communities. We share the thesis that tourism not only deserves attention due to its own characteristics but also as a central element of various sociocultural and political changes in contemporary society. This epistemological and methodological approach was necessary in order to seek to understand the dimensions of the phenomenon based on the bias of a researcher considered as a subject in the research. The interpretations of reality are measured by the intersubjectivity that is established in the contact, and confrontation, of the observer and the social subjects in analysis. This contact is humanized as when tourists and host communities interrelate, they discover the another culturally different beings in contact, in coexistence. It is a social experience that takes place in a certain place. The objective of the present work is to share principles and theoretical assumptions of this methodological perspective developed and experienced in empirical investigations in Tourism Sociology affirming the thesis of its legitimacy given the adequacy with the specificity of the study object.

Keywords: Tourism, Sociology, Phenomenology, Dialectics.

INTRODUÇÃO

Realizar um movimento dialético e fenomenológico em busca da essência ou sentido das relações sociais que se estabelecem com o desenvolvimento do turismo em lugares de identidades singulares no Brasil e em Cuba foi a perspectiva metodológica que desenvolvemos e empreendemos em tese de doutorado. Conceituamos turismo como um



fenômeno social que se dá pelo deslocamento de pessoas a lugares, expressão da era moderna que envolve a oferta de serviços econômicos de hospitalidade, cuja racionalidade impacta socialmente as comunidades hospedeiras. Compartilhamos a tese que o turismo merece a atenção pelas suas próprias características, mas também enquanto elemento central de diversas mudanças socioculturais e políticas na sociedade contemporânea (Urry, 2001).

Esse enfoque epistemológico e metodológico se fez necessário no sentido de buscar compreender as dimensões do fenômeno a partir do viés de um pesquisador considerado como sujeito situado na pesquisa. As interpretações da realidade são marcadas pela intersubjetividade que se estabelece no contato/confronto do observador e sujeitos sociais em análise. Este contato é, acima de tudo, humanizado, como quando turistas e comunidades hospedeiras se inter-relacionam, descobrem o outro, a alteridade, seres com identidades culturais diferenciadas em contato, em convivência. Trata-se de experiência social que se dá em um determinado lugar.

O objetivo do ensaio é compartilhar princípios e pressupostos teóricos dessa perspectiva metodológica desenvolvida e vivenciada em investigações empíricas em Sociologia do Turismo, afirmando a tese de sua legitimidade dada à adequação com a especificidade do objeto de estudos.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A convivência de viajantes e autóctones, em lugares– entendidos como unidades da vida social, espaços ecológico-sociais comuns, situa o turismo como fenômeno privilegiado para um olhar sobre o outro, seus traços



culturais, a estética de suas habitações, seu modo de vida, pensar, agir e trabalho. A identidade do povo visitado se constrói vis a vis com o ambiente espacial e natural que ocupa, se relaciona, transforma, extrai sua sobrevivência cotidiana, constrói sua cultura, o torna o seu lugar. Sendo exótico aos olhos do visitante, atrai sua curiosidade e motiva relações sociais e econômicas em que o cotidiano natural e cultural é vendido ao nível sensitivo, emocional. Quanto maior é o impacto da região ou lugar visitado aos olhos do turista maior o seu valor enquanto objeto de consumo, da satisfação de sonhos, da realização da imaginação.

O turismo, portanto, mais do que uma atividade econômica é o exercício da intersubjetividade humana, ao nível social, emocional, cognitivo e sensitivo. O que se compra não é de ordem material, física, mas existencial, uma experiência única ao nível subjetivo, pessoal. Para o pesquisador do turismo que se propõe a atingir a essência mediada na aparência do fenômeno, há a necessidade de um movimento metodológico no sentido de colocar em suspensão suas prenoções. Daí incursionar em direção a coisa em si, sua essência e a dimensão da totalidade em que o fenômeno se insere e se compreende, aproximando a fenomenologia e a dialética, no sentido sociológico e filosófico do turismo.

Para elevar o turismo a condição de problema do conhecimento científico, de um objeto de estudos, há de se problematizá-lo, recortá-lo, dimensionar os limites da totalidade a ser analisada e buscar compreender as suas relações internas, o nexos, o sentido ou a essência entre o empírico sensitivo que permeia o olhar do investigador e as dimensões sistêmicas e dialéticas que se estabelecem nas formações sociais estudadas. O fio condutor de nossa indagação sobre turismo foi até que ponto essa atividade pode ser fator de sustentabilidade de lugares que motivam e presenciam a ocorrência do fenômeno.

Pesquisador e turista muitas vezes podem se confundir no trabalho de campo. Seria possível separar o observador de seu “mundo-vida” cultural,



moral, pessoal, estético e político? A fenomenologia apresenta um percurso para o equacionamento dessa questão, ao buscar pela compreensão dos sentidos produzidos pela realidade e na forma como essa se estabelece e se manifesta aos olhos do pesquisador, plena de significados. Este realiza uma interpretação científica do fenômeno, mas admite que suas conclusões sejam datadas, ou seja, o viés dos valores do sujeito pesquisador estará presente em suas análises e interpretações. Assim, a explicitação desses, do mundo-vida do pesquisador e do contexto de sua produção científica situa-se, ética e epistemologicamente, como pontos de partida para a construção de um olhar sistemático que se apresente como uma interpretação possível do real, mas nem por isso menos científica que abordagens positivistas que se arvoram como hermeticamente “neutras”.

A preocupação com esse enfoque metodológico foi uma constante no percurso de nossa investigação. Na perspectiva fenomenológica pesquisar é “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões” (Fini, 1994, p.24). Nossa questão fundamental: como compreender sociologicamente o fenômeno turismo?

Uma fenomenologia da construção de nosso objeto de investigação é importante para explicitar os pontos de partida de ordem subjetiva, metodológica e teórica que fizemos uso. Menos que um imperativo acadêmico, a tarefa possibilita uma reflexão da trajetória empreendida e auxilia na interpretação do fenômeno turismo, uma vez que, sociologicamente, é impossível, em última instância, o pesquisador se desvencilhar, de modo absoluto, de seu olhar de “turista” com relação ao outro, o autóctone. É como turista que o cientista social do turismo é percebido, em geral, pelas comunidades que o acolhe, um turista-pesquisador e/ou pesquisador/turista. Alguém que está de passagem, não pertence aquele lugar, tem objetivos próprios, pois todo turista tem sua marca pessoal, distintiva.



Essa perspectiva adequa-se à especificidade do turismo enquanto objeto de pesquisa, enquanto fenômeno a ter o seu sentido passível de captação e compreensão na forma em que se estabelece, ocorre e se manifesta, distintivamente, em lugares singulares, cujas identidades são construídas sócio-política e culturalmente por atores sociais concretos. A compreensão de um sentido denso, rico em significados, do turismo e das relações que engendra nos tecidos sociais hospedeiros, é almejada via a análise de como a tensão entre as dimensões da essência e da totalidade do fenômeno permite-nos uma compreensão dos fatos sociais que se manifestam em lugares de interesse turístico.

A fenomenologia apresenta um percurso para a compreensão dos sentidos produzidos pela realidade e na forma como essa se estabelece e se manifesta aos olhos do pesquisador, plena de significados. A preocupação com esse enfoque foi uma constante no percurso da investigação que realizamos, especialmente em Ponta do Corumbau, extremo sul do litoral da Bahia. Nossa interrogação orientadora: o que é progresso? Esse foi o fio condutor da pesquisa fenomenológica empreendida no Brasil.

A reflexão sobre nosso mundo-vida, isto é, nosso mundo pré-reflexivo em que se dá nossa existência, de onde surgem as inquietações, base do exercício da dúvida metódica, é fundamental para explicitar as raízes existenciais dos contornos do olhar do pesquisador.

O momento da reflexão inicial, amparado nas abordagens da dimensão da complexidade do fenômeno, tem o sentido de buscar estabelecer diretrizes para o trabalho de investigação. Partindo da interrogação fundamental de como o turismo pode ser fator de sustentabilidade ou de um desenvolvimento sustentável, percebemos que essa indagação provém de uma região de inquérito na qual se localiza o fenômeno e que se constituirá como uma trajetória de pesquisa, como o meio em que se desenvolverá. Posicionando-se enquanto sujeito situado, enquanto sujeito que vivencia o fenômeno do turismo, o pesquisador busca na fenomenologia o



phainomenon e o *logos*. *Phainomenon* (fenômeno) significa aquilo que se mostra por si mesmo, o manifesto; enquanto o *logos* é tomado aqui como discurso esclarecedor a respeito do fenômeno, o que se quer evidenciar, compreender.

Referenciamos nossa vivência na então pequena e relativamente isolada comunidade de Trancoso, município de Porto Seguro, sul da Bahia, durante o janeiro de 1981, em que o único acesso era pela praia, na maré baixa, não havendo energia elétrica. Seus moradores eram pescadores extrativistas, descendentes dos pataxós da Aldeia de Barra Velha, cerca de 70 km ao sul. Foi o momento privilegiado para a análise das relações sociais da sociedade envolvente com um ambiente comunitário, tradicional, que experimenta a chegada do outro, os de fora, os turistas, inicialmente mochileiros, alternativos. Mas, em breve, do turismo de massa não planejado e seus consequentes impactos sociais e ambientais negativos, dos quais fomos sempre observadores ao longo de anos.

Seria esse o preço a se pagar pelo turismo, pelo “progresso”, a necessária desagregação de uma comunidade tradicional, que é excluída do “desenvolvimento”?

Na pesquisa em Ponta do Corumbau, realizada como um estudo de caso comparado de fundamentos aproximativos com Havana, Cuba, compreendemos que deveríamos interrogar o próprio fenômeno: “não basta vivê-lo, pois, na imersão, a amplitude da visão se restringe. A compreensão exige transcender . . . e espreitar as diferentes possibilidades através da visão e do sentir do outro” (Machado, 1994, p. 35).

A trajetória de pesquisa se desenvolveu com o objetivo de buscar a essência ou estrutura do fenômeno que deve se mostrar a partir das descrições e/ou narrativas dos sujeitos, do seu mundo real vivido, pois não existem fatos ou acontecimentos em si como realidades objetivas exteriores ao sujeito que as vivenciam (Husserl, 1986).



Nesse movimento da consciência, que é intencional, ou seja, a consciência movendo-se para o fenômeno, este é interrogado pelo sujeito através dos sentidos e se mostra para este sujeito, com uma aparência que é uma primeira abordagem para a compreensão da essência. Aprender a essência do fenômeno, no dizer de Husserl (1986), é voltar ao mundo do vivido enquanto tal.

Aprender, aqui no sentido de compreender, na intenção total e não naquilo que as coisas são na sua aparência ou nas suas diversas formas de representação. É ver o modo peculiar do objeto existir. Ao superar a dicotomia homem x mundo, o pesquisador estará buscando a realidade enquanto vivida e o conhecimento dessa realidade só será alcançado no próprio existir do pesquisador. Isso nos remete à questão da subjetividade que é importante em fenomenologia, pois é ela que permite alcançar a objetividade. É a subjetividade que vai permitir graus diferentes de objetividade. (Fini, 1994, p. 26)

A perspectiva fenomenológica veio ao encontro da necessidade de se buscar um enfoque adequado a uma investigação sobre o turismo em uma comunidade tradicional. Sendo o turismo um fenômeno multifacetado, como as motivações de turistas e as inquietações que orientam o pesquisador, percebemos que poderíamos desenvolver uma abordagem investigativa com base nos pressupostos da fenomenologia referidos. Despontava-nos a possibilidade da essência do fenômeno se mostrar, pois se o fenômeno é tudo que se revela, se manifesta, se doa ao sujeito que o interroga, então ele poderia doar-se a mim como dotado de uma essência, um sentido.

A interrogação sobre o fenômeno não se esgota porque sempre haverá um outro sujeito para o qual ele se mostrará de uma maneira diferente. O fenômeno é tomado em perspectiva, a subjetividade não é evitada, mas desejada.



Princípios de uma metodologia fenomenológica e dialética vieram ao encontro da necessidade de se buscar um enfoque adequado a uma perspectiva sociológica do turismo. Sendo o turismo um fenômeno multifacetado, como de múltiplas facetas são as motivações do turista e as inquietações que orientam o pesquisador, percebemos que poderíamos desenvolver uma abordagem investigativa com base nos pressupostos da dialética de Kosik e da fenomenologia de Husserl. Despontava-me a possibilidade da essência do fenômeno mostrar-se, pois se o fenômeno é tudo que se revela, se manifesta, se doa ao sujeito que o interroga, então ele poderia doar-se a mim como dotado de uma essência, um sentido, compreendido sociologicamente em sua relação com a dimensão de totalidade em que se manifesta e o compreende.

O encontro entre o pesquisador e o fenômeno a ser pesquisado segue uma trajetória cujo itinerário é ir “à coisa mesma” [...] e, na tarefa de tornar visível e explícita a constituição dos acontecimentos do mundo-vida, ilumina-se o fenômeno na revelação de sua essência. Desse modo, exige-se uma postura de colocar-se diante do fenômeno de forma que este possa mostrar-se em si, tornando-se inaceitável tentar conformá-lo às teorias explicativas da realidade que a concebem com pressupostos de causalidade. (Machado, 1994, p. 37)

Assim como há fenomenologias e fenomenologias, há dialéticas e dialéticas, e defendemos que os princípios da fenomenologia de Edmund Husserl não são incompatíveis com os da dialética de Karel Kosik. A busca da essência (Husserl, 1986), ainda que partindo de outro paradigma e seguindo por outros caminhos, tem o mesmo sentido da busca da dimensão da totalidade em que o fenômeno se insere e se compreende (Kosik, 1976). Esta é a nossa tese metodológica. Trabalhamos explícita e formalmente com a fenomenologia em Ponta do Corumbau, e, implicitamente, com a dialética. Em Havana invertemos, o método dialético foi explícito e a fenomenologia, implícita. Vivenciando e interpretando o vivido, interagindo e nos



relacionando com os sujeitos da pesquisa nos lugares que lhes conferem identidade e sobre o qual o nosso objeto de estudos foi construído, indo, portanto, muito mais profundamente que a aparência meramente positiva do fenômeno colocado em suspensão.

Isso por que toda ciência seria supérflua se a aparência e a essência das coisas se confundissem (Marx, 1968). Esta é a concepção ontológica de realidade da tese da dialética da totalidade concretade Kosik (1976).

O conhecimento da realidade, o modo e a possibilidade de conhecer a realidade dependem, afinal, de uma concepção de realidade, explícita ou implícita. A questão, como se pode perceber a realidade? é sempre precedida de uma questão mais fundamental: o que é a realidade?(Kosik, 1976, p. 33)

Parte do que chama de mundo da pseudoconcreticidade e a necessidade de sua destruição. Sua preocupação inicial é situar o aspecto fenomênico da realidade: “não se apresenta aos homens . . . sob o aspecto de um objeto que cumpre . . . compreender teoricamente . . . apresenta-se como o campo em que se exercita a sua atividade prático sensível” (Kosik, 1976, p.10). Explicita a relação dialética fenômeno/essência, e conclui que “Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é *atingir* a essência” (Kosik, 1976, p. 12).

O método dialético de decomposição do todo é análogo ao processo de conhecimento, pois “o conhecimento é que é a própria dialética em uma de suas formas” (Kosik, 1976, p. 14). Ao mesmo tempo, a “decomposição do todo, que é elemento constitutivo do conhecimento filosófico – com efeito, *sem decomposição não há conhecimento* -



demonstra uma estrutura análoga à do agir humano: também a ação se baseia na decomposição do todo" (Kosik, 1976, p. 14).

O "horizonte" de uma realidade indeterminada como todo constitui o pano de fundo inevitável de cada ação e cada pensamento, embora ele seja inconsciente para a consciência ingênua. Assim, partindo dos argumentos anteriores em que fez a analogia conhecimento/dialética e conhecimento/práxis, o autor caracteriza o mundo da pseudoconcreticidade como o mundo da vivência fetichizada, reino da ideologia, pois "A representação da coisa não constitui uma qualidade natural da coisa e da realidade: é a projeção, na consciência do sujeito, de determinadas condições históricas *petrificadas*" (Kosik, 1976, p. 15).

A necessidade da destruição da pseudoconcreticidade, que o pensamento dialético tem que efetuar, "não nega a existência ou a objetividade daqueles fenômenos, mas destrói a sua pretensa independência, demonstrando o seu caráter mediato e apresentando . . . prova do seu caráter derivado" (Kosik, 1976, p. 16).

Ao contrário do mundo da pseudoconcreticidade, o mundo da verdade é o mundo da *realização* da verdade, é o mundo em que a verdade não é dada nem predestinada, não está pronta e acabada, impressa de forma imutável na consciência humana: é o mundo em que a verdade *devém*. Por esta razão a história humana pode ser o processo da verdade e a história da verdade. (Kosik, 1976, p. 19)

A dialética é o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade ou o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos culturais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico, "Não é possível compreender imediatamente a estrutura da coisa ou a coisa em si mediante a contemplação ou a mera reflexão, mas sim mediante uma determinada *atividade*" (Kosik, 1976, p. 22).



“Conhecer a substância não significa reduzir os ‘fenômenos’ à substância dinamizada . . . a algo que se esconde por detrás dos fenômenos e que deles não depende; significa conhecer as leis do movimento da coisa em si” (Kosik, 1976, p. 27). Desse modo, “O caminho entre a ‘caótica representação do todo’ e a ‘rica totalidade da multiplicidade das determinações e das relações’ coincide com a compreensão da realidade” (Kosik, 1976, pp. 29-30). O método do pensamento não é outro senão o método materialista do conhecimento da realidade, a dialética, como método de reprodução espiritual e racional da realidade.

O progresso da abstratividade à concreticidade é, por conseguinte, em geral movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto. (Kosik, 1976, p. 30)

Em outras palavras, o processo do abstrato ao concreto – como concreto pensado – é o método materialista do conhecimento da realidade, a dialética da realidade concreta, na qual se reproduz idealmente a realidade em todos os seus planos e dimensões, em movimento.

O conceito de totalidade concreta é um dos conceitos centrais da dialética materialista/idealista de Kosik, que compreende a realidade nas suas íntimas leis e revela, sob a superfície e a casualidade dos fenômenos, as conexões internas, necessárias. “O concreto, a totalidade, não são . . . todos os fatos, o conjunto dos fatos, o agrupamento de todos os aspectos, coisas e relações, visto que a tal agrupamento ainda falta o essencial: a totalidade e a concreticidade” (Kosik, 1976, p. 36). Isto porque “os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade” (Kosik, 1976, p. 41).



O que significa adquirir verdade e concreticidade nessa concepção dialética da realidade? Kosik faz o resgate do conceito da reprodução espiritual da realidade:

O conhecimento dialético da realidade não deixa intactos os conceitos no ulterior caminho do conhecer; não é uma sistematização dos conceitos que procede por soma, sistematização esta fundada sobre uma base imutável e encontrada uma vez por todas: é um processo em espiral de *mútua compenetração* e *elucidação* dos conceitos, no qual a abstratividade (unilateralidade e isolamento) dos aspectos é superada em uma correlação dialética, quantitativo-qualitativa, regressivo-progressiva. (Kosik, 1976, p. 42)

Sua dialética da totalidade concreta baseia-se na compreensão da importância do homem como sujeito da práxis histórico-objetiva da humanidade, daí o seu caráter idealista pois não remete à noção de classe social, presente no materialismo histórico e no materialismo dialético de Marx, pois “A realidade social não é conhecida como totalidade concreta se o homem no âmbito da totalidade é considerado apenas e sobretudo como *objeto* e na *práxis* histórico-objetiva da humanidade não se reconhece a importância primordial do homem como *sujeito*” (Kosik, 1976, p. 44).

A totalidade concreta como concepção dialético-materialista do *conhecimento* do real . . . significa . . . um processo indivisível, cujos momentos são: a destruição da pseudoconcreticidade, isto é, da fetichista e aparente objetividade do fenômeno, e o conhecimento da sua autêntica objetividade . . . conhecimento do caráter histórico do fenômeno, no qual se manifesta de modo característico a dialética do individual e o humano em geral; e enfim o conhecimento do conteúdo objetivo e do significado do fenômeno, da sua função objetiva e do lugar histórico que ele ocupa no seio do corpo social. (Kosik, 1976, pp. 51-52)



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O fenômeno social e histórico turismo é palco da oposição e justaposição do global sobre o local, de uma racionalidade expressiva da (pós-)modernidade sobre identidades culturais comunitárias. Essa relação de forças caracteriza os impactos sociais do turismo enquanto vetor de crescimento e/ou desenvolvimento econômico, mas também de desintegração das relações sociais tradicionais do lugar. A busca por um equilíbrio, ou por uma sustentabilidade do lugar, em que a racionalidade das atividades do turismo que se realiza passe pela ação das sociedades hospedeiras, como atores centrais do processo de mediação entre forças econômicas e interesses políticos externos, é condição da condução da manutenção/transformação da identidade do lugar.

Manter a identidade do lugar enquanto alicerce das relações comunitárias e motivadora do turismo enquanto destino é perceber a ideia de progresso, desenvolvimento. Uma concepção de ganhos de sustentabilidade do lugar primordialmente como aumento da qualidade de vida da comunidade hospedeira é o grande desafio do fenômeno turismo na (pós-)modernidade, fio condutor que motiva e dirige nossa investigação.

[...] o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida. O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. No lugar emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui ou modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a



dimensão da vida, por isso o ato de produção do lugar revela o sujeito. (Carlos, 1996, pp. 28-29)

A estrutura de um lugar não pode ser eterna, posto que é histórica. A sua identidade está sempre em processo de construção, em uma tensão dialética de manutenção e mudança. A dinâmica das inter-relações das dimensões do lugar e o grau de envolvimento e dependência desse com o contexto societário maior que o envolve, tornam a fenomenologia e a dialética movimentos do pensamento pertinentes à compreensão de sua essência diante do turismo e, ao mesmo tempo, da dimensão da totalidade que envolve este fenômeno social.

A pesquisa exploratória (dezembro/2002 – janeiro 2003) na região de Prado foi importante para demarcar a dimensão da totalidade em que se insere o fenômeno social turismo no território. Entre dezembro de 2003 e janeiro de 2004 retornamos a região do Corumbau, distrito de Prado, mas dessa vez baseados na Ponta, lugar dos pescadores, realizando a parte empírica da investigação. Havíamos percebido que seria necessário recortar nosso objeto de investigação, dada a complexidade que engendraria uma pesquisa sobre as contradições socioambientais presentes no entorno do Parque Nacional de Monte Pascoal Pataxó, uma extensa região de vários municípios, aldeias e uma heterogeneidade de questões muito grande. Era necessário centrarmos espacialmente a pesquisa em Ponta do Corumbau e direcioná-la para a identificação e análise dos dilemas do progresso, as contradições decorrentes dos impactos do turismo nesse lugar de interesse turístico.

Tendo em mente o questionamento “o que é progresso?” e os seus significados na perspectiva de membros da comunidade hospedeira, poderíamos adentrar ao imaginário e colher dados sobre o lugar, confrontando a narrativa de atores nativos com a observação sistemática da realidade social concreta em que se desenvolve o turismo.



Como eixo condutor da pesquisa buscaríamos satisfazer nossas indagações sobre a estrutura do fenômeno. Como ocorre a prática do turismo? É sustentável, ou seja, conserva o patrimônio natural e cultural da comunidade, beneficiando-a e promovendo o seu bem-estar? Como ocorre a dinâmica da relação economia/ecologia e a presença de políticas públicas do Estado? Os interesses comuns e majoritários da comunidade se sobrepõem a interesses minoritários e pragmáticos? Como se estabelece o embate entre os diversos atores sociais envolvidos na realização das atividades do turismo? Como jovens e idosos percebem as mudanças promovidas pelo turismo e quais as suas expectativas em relação ao futuro? Que transformações socioeconômicas e culturais mais profundas podem ser identificadas? Como o turismo traz impactos à qualidade de vida da população nativa?

Em síntese, como o fenômeno social turismo impacta lugares, os seus destinos? Que implicações estudos de casos trazem à ideia de sustentabilidade enquanto conceito passível de evidência empírica, materialização no real, aplicação e operacionalização? Este é o objeto de estudo da pesquisa, o nosso problema do conhecimento. A raiz etimológica do termo “método” significa “caminho”, este artigo/ensaio se propõe a socializar a trilha percorrida.

Não nos propusemos a uma análise comparada, mas sim trabalharmos na pesquisa de campo com estudos de casos que têm por base fundamentos aproximativos. Seria um despropósito nos propormos a comparar Ponta do Corumbau com Havana, ou mesmo o Brasil com Cuba. Nosso objetivo foi identificar e analisar como um mesmo fenômeno, o turismo e sua racionalidade moderna, impacta lugares singulares, de interesse turístico – sejam estes quais forem - e em que dimensões. Busca-se contribuir metodológica e conceitualmente com a Turismologia enquanto ciência social aplicada, oferecendo um enfoque sociológico pautado em dados



empíricos sobre a relação entre turismo e sustentabilidade nos lugares identitários Ponta do Corumbau e Havana.

Dado o seu histórico de isolamento em Ponta do Corumbau a análise fenomenológica se deu, basicamente, a partir do material colhido por meio de entrevistas formais a 14 (ex-)pescadores e membros nativos da comunidade, de idosos e idosas a jovens adolescentes. Buscava-se, principalmente, estimular a memória oral dos mais velhos sobre o lugar e interrogá-los, ao final, com a pergunta-guia: “o que é progresso?” A partir daí, somando-se as inquietações da juventude sobre perspectivas de futuro, procedemos a análise e identificamos tendências no processo, o que permitiu a construção de cenários. Ultrapassamos os limites da fenomenologia e elaboramos nossa principal hipótese de investigação sobre a dinâmica do processo do turismo. O principal impacto em Ponta do Corumbau residiria na afirmação da tendência de conquista do espaço social comunal que dá identidade ao lugar, pelos “de fora”, empreendedores e turistas, reproduzindo o processo identificado anteriormente em Trancoso.

A primeira incursão a Cuba (julho/2004) permitiu direcionar o foco da pesquisa na Ilha, momento em que a compreensão da importância teórica e metodológica do conceito de lugar se impôs. Optamos pela análise dos impactos do turismo no lugar Havana que, por estabelecer uma relação muito próxima e direta com o sistema sócio-político do país, exigiu um exercício metodológico diferenciado, pautado na dialética, ainda que fundamentos fenomenológicos tenham sido preservados no processo de investigação. A pesquisa exploratória permitiu a elaboração de nossa hipótese. Os principais impactos do turismo residiriam no plano dos valores, no estímulo a transgressões morais por parte de autóctones aos turistas. Estas se revelam no momento das abordagens de “cubanos que não trabalham”, como prostitutas, vendedores de charutos desviados, pedintes, adolescentes, dentre outros. “Cubanos que trabalham e que pedem”, como



a insistência de gorjetas por trabalhadores de turismo, de guias turísticos informais e ilegais, ofertas de habitações não autorizadas, etc. Como também por parte de trabalhadores que, ainda no exercício de sua atividade laboral - jornaleiros, varredores de rua, por exemplos - também abordam os turistas, pedindo. A motivação dessas abordagens seria a de conseguir um poder de consumo de bens supérfluos, e indicaria uma crise de valores no tecido social havanelro provocada pelo fenômeno turismo estrangeiro na Ilha. Outra hipótese, surgida logo em nosso primeiro dia em Havana, indicava a existência de uma dimensão política-ideológica presente no fenômeno turismo internacional em Cuba: a construção de um sistema *sui generis* de apartação social entre autóctones e turistas.

Fazendo uso intensivo da observação participante (Becker, 1993) como método e técnica de pesquisa adequada ao contexto do lugar havanelro (janeiro/2005), buscou-se pela compreensão do sentido, da intensidade e da regularidade das incontáveis abordagens de autóctones ao “turista”-pesquisador.

Além da observação participante na segunda incursão (janeiro/2005) a ilha foram realizadas algumas entrevistas informais e em profundidade. Durações variadas, dependendo da situação contextual, espontaneidade e da credibilidade que atribuímos aos depoentes, sempre tomados em suspeitas pelo pesquisador. Esses registros de autóctones que estabelecem um contato “não autorizado” com turistas, formam a base do material etnográfico a partir do qual a análise se daria. Essa, contudo, busca estabelecer um diálogo com o discurso do governo e com as diretrizes da política pública de turismo do Estado cubano. Dialeticamente, busca-se a identificação e análise do contexto histórico e geopolítico que propiciou o ressurgimento do turismo internacional na ilha, fazendo uso de bibliografia específica e material documental para nossas interpretações e teste das hipóteses.



ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O cenário de Ponta do Corumbau é fator de autoestima, possuindo alto valor simbólico para os moradores. Esta é a primeira unidade de significado das narrativas livres dos sujeitos sociais entrevistados, a identidade com a natureza.

Levantando bem cedo, sentando à beira da praia,
 Ainda sentido a brisa da madrugada,
 Representando a hóstia consagrada,
 Lá vão os bravos canoieiros velejando para mais um dia de jornada,
 À noite vem a lua com seu brilho magnífico e a sua luz prateada,
 O rio soa . . . e o mar com sua suave zoadada,
 O peixe está em contato com a natureza nesta praia por Deus
 abençoada. (Honorato, 49 anos, pescador e poeta)

A especulação imobiliária e a questão espacial envolvida no desenvolvimento do turismo e crescimento populacional da vila de pescadores são fatores estruturantes nos depoimentos de todos os atores entrevistados. Ponta do Corumbau não tem para onde crescer. Do seu lado litorâneo norte temos o Rio Corumbau, divisa com o Parque Nacional do Monte Pascoal Pataxó; o mar, à frente, ao leste; um mangue atrás da vila, à oeste; ao sul, por uma estrada de terra rente ao mar e que dá o único acesso rodoviário, extensas áreas de propriedades privadas de grandes empreendedores turísticos (Foto 1).





Foto 1: Ponta do Corumbau, referência à faixa de areia branca que adentra o oceano que é percebida apenas na maré baixa. A vila fica referenciada rente a ela, entre o rio e o mar, e um mangue, ao fundo. (Bahiatursa, 2018)

Nós vivemos daqui, do lugar, então o povo de fora vem tirar nossos ganhos daqui, os empresários de fora vem botar suas pousadas grandes aqui e acaba com o lugar . . . os nativos hoje não tão mais na frente . . . vão ficando lá naqueles canto, chega um e fala: ah, aqui vale quanto? Dez mil reais. O dono do terreno acha que vale um bom dinheiro e que não vai acabar mais então vende, vai pro fundo. Aqui tá acontecendo isso . . . o pessoal acha que é muito dinheiro, ele não para pra pensar que com esse dinheiro não vai dar pra sobreviver, nem aqui nem em outro lugar. Pega aquele dinheiro, o cara toma posse do terreno e aí se tiver um outro lote ele vai construir no fundo e os home vão tomando conta do lugar. Aí vamos perdendo toda a tradição; os que compram ficam na frente, e os que vendem ficam no fundo. Daqui a pouco eles vão se aborrecendo, já não tão dando certo mais com o vizinho, com eles mesmo, vão apertando, apertando e depois torna a vender o fundo e aí eles vão embora. Então a dificuldade que tá mais existindo é essa, né, principalmente união. (Milton, antigo presidente da Associação dos Pescadores de Ponta do Corumbau)

A terceira unidade de significados remete à curta história do povoamento do lugar como plena de significados ao nível da resistência e luta da comunidade diante de interesses externos. Na década de 1990 foram acossados pela “invasão” de barcos pesqueiros de grandes empresas capixabas em suas águas marítimas piscosas:

Uns pouco tempo atrás nós tinha só uns barquinho, mas bem pouco. Tinha muita fartura, peixe à vontade, pescava todo dia, a hora que quisesse. Caranguejo, camarão tava aí sobrando, tinha muito camarão mesmo. Então começou a vir pessoas de fora, os empresários, com barco muito equipado, e começaram a infiltrar aqui dentro. Isso tá com uma base de uns 10 anos. Eles começaram a vir pra cá. Aí eles chegaram aqui, acampavam aqui dentro, ia pra barra, enchia de barco de fora aqui dentro, pescava aqui na área todinha, então eles veio com tudo, sempre dando tudo, uma pescaria desordenada. O povo daqui estava perdendo tudo que tinha, esse povo tava acabando com tudo, levando tudo e não deixando nada aqui dentro. Eles começaram a tomar conta da área. Se continuasse do jeito que estava aqui não dava para sobreviver mais. A depredação tava demais . . . Então eles tavam gerando violência. Tomavam cachaça, viviam aí pelos butecos, falavam alto, falavam palavrões, mijavam na porta das pessoas e a gente daqui que era pouca, ficava até assombrada mas não podiam fazer nada. Era muito homem, muita gente, então ninguém ia brigar com eles. Eles tavam tomando conta da vila. Tava todo mundo queixando e a gente: como é que vai fazer? (Milton)

Os moradores, organizados na Associação dos Pescadores de Ponta do Corumbau, procuraram ajuda da Fundação Nacional do Índio, da Capitania dos Portos de Porto Seguro, e, sem resultados, passaram a tratar com o Conselho Nacional de Populações Tradicionais do Ministério do Meio Ambiente, em Brasília. Após vários abaixo-assinados e manifestações em Prado e Porto Seguro, o então presidente da Associação, Milton, conseguiu uma entrevista à Globo em rede nacional e ser recebido com o Ministro. Três anos depois do início do movimento social, no dia 21 de setembro de 2000, a segunda Reserva Extrativista (RESEX) Marinha do Brasil foi constituída por decreto presidencial, tendo Corumbau como sede. O dia é comemorado todos os anos no lugar, dados os benefícios auferidos para a comunidade.

A quarta unidade de significados diz respeito à ausência de infraestrutura para uma melhor qualidade de vida, como rede d'água, saneamento básico, posto médico, escola de ensino fundamental e médio e, principalmente, a inexistência de energia elétrica.



Aqui em Corumbau o principal problema da comunidade é, hoje, uma energia. A energia, a água, é uma coisa principal. Porque a gente temos os pescadores que estão pescando agora aqui, se eles têm energia em casa, à tarde, quando eles chegam . . . A gente sente uma falta dela muito grande, em termos de armazenar o pescado, manter o peixe fresco para o próprio pescador se alimentar, nem tanto para comercializar, mas para se alimentar, um camarão, um peixe; isso como tá tem que pegar e vender senão com certeza perde. Então, isso é o principal para a comunidade. [Como é feita hoje em dia essa questão da comercialização do pescado?] O camarão vem, vai para o defumador, daí ele é salgado e vai embora [para Salvador]. O peixe você põe no gelo, isso já é o atravessador; aí põe no carro e leva pra vender na cidade mais próxima. O pescador tem que vender pelo preço que tiver, tanto o camarão quanto o peixe. Se existisse energia seria possível . . . uma câmara frigorífica da Associação de Pescadores e isso aumentaria o poder de barganhado pescador. Inclusive, com energia e água, o Posto Médico que é a saúde do povo também. Tendo energia isso já pode ser encaminhado.(Raimundo, pescador)

Ao mesmo tempo, à afirmação da consciência política e ecológica sobre o lugar que lhes dá identidade. Nota-se, inclusive, uma percepção da baixa capacidade de suporte ecossistêmico:

Nós mesmos, que moramos aqui, não temos interesse no asfalto, e nunca vemos uma reclamação do turista que tem que ter asfalto para chegar aqui. Nós também não temos interesse no asfalto porque a cidade, o povoado aqui é muito pequeno, né, então o asfalto vindo pra qui no Corumbau . . . talvez eu tô falando por um pouco de pessoas, mas a minha visão é que o lugar não suporta, é muito pequeno, uma grande quantidade de pessoas. E realmente é um lugar muito bonito, muito bom, mas não tem o conforto de receber uma grande quantidade de pessoas, muita gente.(Raimundo)

Segundo Geraldo, pescador e comerciante, “em reuniões que a gente fizemos decidimos não colocar energia na rua pra não clarear as praias, pra não impedir as tartarugas. Foi esse o motivo. E todo mundo concordou em não ter lâmpadas nos postes”.



Ao mesmo tempo, o turismo sazonal tem potencial enquanto fator de sustentabilidade econômica e social da comunidade extrativista de Ponta do Corumbau, por adequar-se aos ciclos ecológicos do ambiente marinho:

[O turismo traz algum malefício?] Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum. A gente temos praticamente 2 meses com o turismo, no caso, e temos 10 meses de baixa temporada. O que sustenta o pessoal aqui na baixa temporada é a pescaria. Mas quando chega o verão a água clareia, né? Então no inverno precisa de grande quantidade de pescado. No verão, qualquer quantidade de pescado, pouco, você consegue ter um retorno do mesmo dinheiro que você tem com a quantidade de pescado. Porque o peixe encarece um pouco, né, a falta do peixe faz o pescador ganhar mais um pouco com isso. Pesca-se menos pela questão da água clara mas vende-se o pescado a um preço maior. A água clareia e o peixe afugenta. Então o pescador conta com o melhor: ha, vai chegar o verão, vai chegar o verão, como os vendedores torce que se o verão fosse durar o ano todo ele sobrevivia melhor, tinha melhores condições financeiras.(Honorato)

Em Ponta do Corumbau a tendência da perda do espaço é a principal preocupação dos sujeitos entrevistados, pois levaria à desagregação comunitária, em que pese a unanimidade quanto ao fenômeno turismo como portador de benefícios. A identidade étnica, o histórico da luta social e a consciência política e ecológica são fatores de contra tendências e pela sustentabilidade do lugar, cuja singularidade motiva a ocorrência de um turismo que se realiza entre ambientes ecológicos protegidos pelo Estado, por empreendedores particulares e sob a presença de organizações ambientalistas. Progresso como significando qualidade de vida, consciente e sustentável, em que a atividade extrativista sazonal é simbiótica com a do fenômeno turismo, é a nossa meta-compreensão, a nossa reflexão das reflexões.

A cidade de Havana, principal polo turístico do país, recebe cerca de metade dos turistas que aportam em Cuba. Serafín Gonzáles Ávila ao comentar os benefícios que recebem os havaneiros com o desenvolvimento



do turismo internacional, cita os milhares de empregos diretos que gera e o estímulo a outros setores nacionais dos que se nutre para seus insumos. De forma paralela - apontou - se faz evidente o melhoramento da imagem e as condições de numerosas zonas da cidade que se tem favorecido com as remodelações e novas construções que se tem feito para a indústria do ócio “y que sindudasembellecenel entorno y las condiciones de vida de lapoblación” (Allen, 2003, p. 5).

Caminhando pelo Centro Histórico de Havana Velha, sítio cultural declarado pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade, fomos notados por um homem negro, 35 anos, portando um guarda-chuva branco e trajando roupas totalmente brancas, com guias espirituais da santeria. Puxa assunto; estamos em pé, próximos à Praça Velha. Retira do bolso sua carteira e nos mostra seus documentos. Zeném é vigia noturno de um prédio próximo ao cemitério de Havana, longe dali. Está todo de branco cumprindo um ritual religioso de iniciação a sua religião, cumprindo um dogma que estabelece a obrigação de somente se vestir de branco, ao longo de um ano, para demonstrar fé, persistência e identidade.

Olha para os lados, baixa o tom de voz, e põe-se a explicar porque prefere que conversemos caminhando. Diz que a polícia suspeita de cubanos que conversam com turistas. O comportamento social que seria mais aceito, para que não ficássemos tão expostos e a conversa se prolongasse, era que deveríamos seguir caminhando. Foi o que fizemos e iríamos fazer, por cerca de 4 horas, por entre as vielas de Havana, que, apesar do estado precário e do aspecto de pobreza das habitações, é seguro andar por entre elas, disse Zeném, após eu ter me identificado como pesquisador.

Se propõe a demonstrar o que até então era apenas uma intuição. Em Cuba existe uma segregação entre o modo de vida cotidiano do cubano e o “mundo-vida” disponibilizado ao turista estrangeiro. Propõe que façamos a “prova do café”. Nos conduz a um estabelecimento, uma cafeteria popular,



frequentado por cubanos. Pergunta o quanto costumávamos pagar por um cafezinho nas cafeterias e restaurantes de Havana: US\$ 1. Ele abre sua carteira, retira uma cédula de 1 CUP (peso cubano), vai ao balcão e volta com uma xícara de café, sorridente. Desafia-nos a fazer a prova e atestar por quanto ele nos custaria: 25 vezes mais, dada ser esta a paridade do dólar norte-americano para o peso cubano. Perguntamos então se o povo cubano teria poder aquisitivo para divertir-se num cinema, teatro, ou tomar uma cerveja, etc. “Sim”, responde-me. Os cubanos podem ir ao cinema - e vão - pois, como o cafezinho, o mesmo ingresso custa um preço quando o expectador é turista e outro, “25 vezes mais barato”, quando é nativo. Quanto à cerveja, realmente, as boas marcas cubanas são comercializadas somente em CUC (peso *convertible*, paridade fixa 1/1 com o dólar), mas existem, acessíveis ao consumo dos autóctones, em CUP, uma versão das mesmas na forma de chope, bem mais barata, e uma outra marca popular, em vasilhame, ambas comercializadas apenas entre os havaneiros, não disponíveis nas cafeterias, tabernas e restaurantes destinados aos turistas.

O acesso dos cubanos a estes produtos e serviço - o café, a cerveja, o cinema - acende uma luz de alerta em nossa investigação. A primeira intuição era que as transformações socioculturais e políticas provocadas pelo fenômeno turismo no tecido social havaneiro se dariam no plano dos valores, no estímulo à ideologia do consumo e da distinção individual-social, à satisfação de necessidades de alto valor simbólico, mas “supérfluas” no sentido material, restrito. No entanto, estávamos encontrando indícios que a questão era mais profunda, que a motivação dos “cubanos que pedem” ao abordarem intermitentemente turistas reside na possível autenticidade do discurso que manifestam: satisfação de necessidades básicas, materiais, vitais. Bastavam-nos, portanto, retirar o véu da dúvida e da suspeita para tomar as justificativas dos pedintes como indícios, evidências e/ou fatos para sustentar essa interpretação das unidades de significados das abordagens ao “turista”-pesquisador.



Percebemos então o sentido do que estávamos portando, o CUC (Documento 1)



Documento 1: *Peso convertible* (CUC), moeda válida para circular apenas internamente em Cuba e com cotação rígida de CUC1/US\$1/CUP25.

Essa moeda foi criada no contexto da formulação e execução da política do Estado de fomento ao turismo internacional que, ao exigir a descriminalização do uso e posse de dólares, viabilizou e legalizou as remessas de divisas de exilados e residentes, principalmente nos EUA, aos seus familiares em Cuba.

O CUC adquire, assim, um sentido de estabelecer um divisor monetário e social entre turistas e autóctones. A diferenciação entre estabelecimentos comerciais que aceitam somente CUP, em geral populares e precários aos olhos de turistas, com outros ambientes que só aceitam CUC, mais asseados, de melhor aspecto ou mesmo requintados, indicam que o uso desses espaços seja diferenciado por nacionalidade: os primeiros, somente para os cubanos; os criados ou reformados pela política pública de turismo, para os estrangeiros, que deverão pagar 25 vezes mais pelo seu usufruto.

Queremos saber como meu informante percebe a situação de penúria que perpassa o cotidiano popular. Segundo o governo cubano, isso se deve ao bloqueio econômico norte-americano sobre a economia da ilha. “Bloqueio? Tudo é culpa do bloqueio?”, responde e pergunta: “será que os americanos são tão maus assim?”.

Considerando que os EUA eram o principal mercado para os produtos de Cuba, dada à proximidade entre os países (140 km), podem-se imaginar as incontáveis dificuldades com que a Revolução Cubana de 1959 se deparou daí em diante:

O fornecimento tradicional de matérias-primas, equipamentos e peças de reposição foi praticamente interrompido desde os primeiros momentos do triunfo revolucionário. Se considerarmos a dependência para com os Estados Unidos, isso criava uma situação de quase completa asfixia para a economia cubana, à qual faltava praticamente tudo. Muitas fábricas tiveram que interromper suas atividades, outras passaram a operar abaixo de sua capacidade ou a produzir com qualidade deficiente. Graves problemas de qualidade ocorreram em todo o setor industrial devido à falta de matérias-primas adequadas para toda a indústria. (Saenz, 2004, p. 56)

Em fevereiro de 1992, pouco mais de um mês após o fim da URSS, o deputado democrata norte-americano Robert Torricelli apresentou um projeto de lei denominado “lei para a democracia em Cuba”, que seria aprovada pelo Congresso norte-americano:

Apertando ainda mais o bloqueio que os EUA haviam imposto a Cuba em 1962, a nova lei determinava, entre outras medidas, a redução de qualquer ajuda econômica dos Estados Unidos a países que importassem açúcar de Cuba; proibia qualquer relação comercial com Cuba por parte de empresas de capital norte-americano . . . que se estendia as suas subsidiárias, não importando em que país elas estivessem estabelecidas; instituía oficialmente uma “lista negra” de empresas de países capitalistas que mantivessem relações com Cuba, que passariam a ser objeto de restrições no comércio com os EUA;



impunha limites ainda maiores às remessas de dólares a Cuba pelos membros da comunidade de cubanos residentes em Miami e, finalmente, determinava que navios que atracassem em portos cubanos ficariam proibidos por seis meses de entrar em águas territoriais norte-americanas. (Morais, 2001, p. 26)

Em Cuba, a sustentabilidade do turismo enquanto negócio, como empreendimento econômico que visa lucro, é buscada *vis a vis* com a sustentabilidade do lugar, o que no sistema socialista seria possível de ser atingida na medida em que a apropriação dos rendimentos é coletiva, onde os interesses da sociedade se impõem sobre os particulares:

El turismo sostenible, o sustentable, aspira a asegurarsu vitalidad como negocio, logrando también, y simultáneamente: 1) que las comunidades receptoras se beneficieneconómicamente. 2) que se preserve el patrimonio cultural, y 3) que se conserve el medio ambiente . . . La distribución social de las utilidades está en el centro del proyecto socioeconómico cubano y de por sí tiende a cumplimentar la primera parte de la definición, lo cual es difícil de lograr en otros esquemas, y menos aún en los regidos por el neoliberalismo y por el capitalismo “salvaje”. En nuestro turismo, las utilidades son del país y éstas las maneja en función de las necesidades sociales. (Medina & Santamarina, 2004, pp. 95-96)

Essa é a lógica da política pública em turismo de Cuba. Busca-se o máximo de lucratividade possível pelo mecanismo de segregação social via apartação monetária entre turistas e cubanos para que os lucros auferidos atendam a sociedade em seu conjunto:

El turismo tiene importantes compromisos con el presupuesto del Estado, que se concentran en el financiamiento del combustible que necesita el país, y de los alimentos que consume la población. Esto se logra por dos vías, la primera, mediante la adquisición de bienes y servicios. En este caso el turismo paga por adquirir bienes y servicios un recargo o precio por encima de lo establecido y esa diferencia se destina a satisfacer necesidades de la población y a financiar o desarrollar del



sector prestatario. Un ejemplo de ellos es la energía eléctrica, donde buena parte del recargo que se paga se destina a financiar la mitad del consumo energético de la población y la otra parte se destina a la modernización y el desarrollo del propio sector energético . . . La segunda vía es a partir de las utilidades por concepto de impuestos y de aportes a la balanza de pagos. (Medina & Santamarina, 2004, p. 98)

Em Cuba os impactos do fenômeno turismo são percebidos no âmbito do domínio consentido a turistas estrangeiros a ambientes e meios de locomoção de usos exclusivos, demarcados política e financeiramente por um meio monetário específico, o peso *convertible*. O turismo internacional em Cuba, ainda que capitalista, racionalizado visando o lucro do olhar do turista sobre o lugar, ocorre, como um aparente paradoxo, num tecido social socialista hospedeiro, de cunho comunista, portador de outra lógica e racionalidade. Como uma engrenagem política, econômica, monetária e social, o Estado edificou um mundo segregado e combinado entre turistas e cubanos.

Essa segregação social *sui generis* é o principal impacto da política pública de turismo em Cuba, e é indicativa de uma dimensão política explícita e implícita ao fenômeno. Explícita porque a forma como o turismo internacional foi revitalizado na Ilha se deu como uma política estratégica do Estado, em uma conjuntura geopolítica e econômica muito específica e vital em termos sociais. Busca-se aperfeiçoar o significado financeiro positivo da chamada indústria da hospitalidade - lucratividade, geração de renda e empregos rentáveis, captação de divisas - em curto prazo, para que o país como um todo tenha ganhos de sustentabilidade econômica. A dimensão implícita oculta, do fenômeno, ocorre num contexto em que o turismo e sua racionalidade capitalista se realizam num tecido social socialista marcado pela escassez de gêneros básicos.



Nesse quadro o principal impacto diretamente observável do turismo ocorre, primordialmente, no plano dos valores, no potencial latente de incitação e estímulo à transgressão às normas, a códigos aceitos de conduta e de comportamento de autóctones diante de turistas. Tais fatos, ao atentarem contra uma moral social, atentam, fundamentalmente, contra uma moral socialista de Estado, daí um significado político ao sentido das abordagens dos “cubanos que pedem” aos turistas.

A assimetria entre um socialismo de escassez e um capitalismo turístico de fartura ocorre e se desenvolve fruto de um processo histórico, da opção dos governos pelo incremento do turismo internacional como tábua de salvação financeira após a derrocada da URSS e de uma conjuntura socioeconômica que motiva transgressões morais, desafiando a lógica edificada pelo regime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio teve como maior motivação contribuir para a busca e desenvolvimento de um pesquisar sobre o fenômeno turismo em uma perspectiva sociológica, inquieta. Nossa principal contribuição reside em oferecer a legitimidade de um método investigativo do turismo com base na fenomenologia e na dialética.

A fenomenologia, significando discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo, enquanto uma práxis ou forma de ação opera através da trajetória que investiga a experiência, no sentido de compreendê-la e não necessariamente explicá-la aos olhos do outro.

As narrativas, referindo-se às experiências que os sujeitos vivenciam no seu mundo-vida, situam-se na existência desses. Isto quer dizer que só há investigação sociológica empírica enquanto houver um sujeito situado na pesquisa, alguém que construa o seu objeto de investigação a partir de uma relação com o vivido. Só há turismo quando se estabelece uma relação,



ainda que tênue, por meio do olhar, de um sujeito observador viajante com o meio social e natural circundante que visita e/ou o acolhe. Para uma sociologia do turismo, nada mais próprio do que considerar a pessoa do sujeito investigador como composto de "turista" e pesquisador. O movimento metodológico para distinguir e identificar a convergência de um e de outro no momento da investigação se faz tomando como referência o mundo-vida do pesquisador, contexto da concepção ontológica de realidade que faz uso.

Essência, *eidos*, refere-se a um objeto de um novo tipo, se comparado ao objeto individual que originou a primeira intuição empírica a partir da qual se torna possível a intuição essencial. Seria o momento de *síntese* em uma perspectiva dialética.

Meta-compreensão é o que Husserl (1986) denomina *cógito, cogitatum*, ou seja, pensar o pensado. Para a dialética de Kosik (1976), trata-se do próprio movimento do pensamento, que vai do abstrato ao concreto, em espiral, e volta ao abstrato, enquanto concreto pensado.

Ao ver que o fenômeno se ilumina diante de si, o pesquisador reconhece-se ligado ao sujeito pesquisado por uma relação dialética entre o seu horizonte conceitual e a experiência do sujeito, em que, através da intersubjetividade, estabelece objetivamente os seus resultados.

Não há conclusão na pesquisa de fenômeno situado, com sujeitos que vivenciam o fenômeno. Os pesquisadores fenomenológicos constroem seus resultados a partir da interpretação, o que significa transcendência, ou melhor, realizar uma reflexão sobre a própria reflexão. Este é o momento da interpretação, que são as generalizações feitas a partir das convergências das unidades de significado que, entretanto, permanecem abertas à novas interpretações.

O método dialético de Kosik não se opõe a metodologia fenomenológica de Husserl. Ao contrário, vai além dela, pois ao fazer uso dos



princípios e conceitos de movimento, contradição, destruição da pseudoconcreticidade, decomposição do todo, reprodução espiritual da realidade e totalidade concreta continua em busca de seu *dever* pela verdade histórica, quando aquela se abstém, não busca generalizações.

Alguns dias antes de nossa partida de Ponta do Corumbau, em fins de fevereiro de 2004, já corria a notícia de “boca em boca” que o novo governo federal iria implantar o Programa Luz para Todos, isso mudaria a correlação de forças em prol dos “de dentro”.

Em visita que realizamos 14 anos depois, em maio de 2018, entrevistando informalmente, por horas, Ramom, atual presidente da Associação e Pescadores de Ponta do Corumbau, foi nos informado que com a chegada, além da energia elétrica, de programas de inclusão social como o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida, houve um empoderamento dos nativos. Constatamos, dialeticamente, que apesar de transformações internas ocorridas, a mudança no quadro político externo contribuiu para a permanência da população tradicional e para a sustentabilidade do lugar, em simbiose com o fenômeno turismo.

O Estado cubano continua obtendo sucessos ao promover o turismo internacional na ilha e isso têm auferido ganhos de sustentabilidade social, como demonstram indícios do aumento médio do salário mínimo nos últimos 14 anos, ainda que o mesmo se mantenha muito baixo e o desabastecimento de gêneros alimentícios persista. Cuba intensifica seu processo de mudanças para atrair grandes corporações da indústria turística internacional. Ademais, desde a posse de Raúl Castro como presidente em 2008, numerosos empreendimentos individuais, familiares, foram aprovados e estimulados. O governo permitiu a compra e venda de carros e imóveis, o que significa que casas e apartamentos voltaram a ser investimento ou meio de produção, na forma de bares ou apartamentos para turistas. Muitos moradores que antes alugavam seus imóveis ou cômodos às escondidas das altas taxas do governo anterior, ilegalmente, como Zeném, puderam



legalizar os seus empreendimentos, desde que familiares, uma vez que não se permite a volta, por inteiro, entre cubanos, da relação capital/trabalho. Quando Raúl e o presidente dos EUA, Barack Obama, anunciaram o início de uma aproximação política que viria ao reatamento das relações diplomáticas, apesar da manutenção do bloqueio econômico, a partir do fim de 2014 Cuba passou a se tornar um dos destinos turísticos mais procurados no mundo. Mesmo com mudanças a base do sistema socioeconômico e político cubano continua sendo socialista, de inspiração comunista, uma versão latino-americana do modelo chinês, como a nova Constituição de 2019 indica.

A manutenção e intensificação das contradições sociais provocadas pelo fenômeno turismo, especialmente a segregação econômica, social e monetária entre autóctones e turistas, que se mantém, tendem a deixar a questão política em aberta, ou seja, as implicações explícitas e implícitas que permeiam a relação entre poder, sustentabilidade e turismo em Havana.

Menos do que conclusões dogmáticas nossas escolhas teórico-metodológicas tencionam fornecer pistas para o desvendamento do oculto e o desenvolvimento de um olhar investigativo e científico sobre a realidade. Uma sociologia do turismo, contribuindo para a Turismologia pensar o fenômeno enquanto problema de conhecimento, como fato social marcante do mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

Allen, I. (2003, agosto). Llegará al millón? *Destinos XI* (n.15). Habana.

Bahiatursa (2018, maio 12). *Ponta do Corumbau*. Recuperado de: https://www.google.com.br/search?q=bahiatursa+ponta+do+corumbau&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi-n_iArP_aAhWGjJAKHeu6ABoQsAQINQ&biw=1366&bih=662#imgsrc=fzNHGoEteizCKM:



- Becker, H. (1993). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec.
- Carlos, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E. et al. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- Fini, M.A.V. (1994). Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In Bicudo, M.A.V., &Esposito V.H.C. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em educação: Um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: UNIMEP.
- Husserl, E. (1986). *A Ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Machado, O. (1994). Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In Bicudo, M.A.V., &Esposito, V. H. C. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em educação: Um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Editora UNIMEP.
- Marx, K. (1968). *O Capital* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Medina, N., &Santamarina, J. (2004). *Turismo de natureza en Cuba*. Havana: UNION.
- Morais, F. (2001). *A ilha:Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro* (30a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Saenz, T. W. (2004). *O ministro Che Guevara: Testemunho de um colaborador*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Urry, U. (2001). *O Olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC.

